



O lugar das Mulheres Negras e Indígenas no Cinema Cearense¹

Helosa Maria de Castro Araújo²

Instituto de cultura e arte

Programa de Pós-Graduação em Comunicação

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar os filmes *O primeiro Movimento é explosão*³ (2022) e *Mulheres Árvore*⁴ (2022), ambas produções cearenses com presença negra e indígena, respectivamente, interligadas pelos temas da luta, memória e ancestralidade, com apoio de uma pesquisa bibliográfica afroreferenciada para pensar: Quais os impactos causados pela presença de mulheres negras e indígenas no lugar de liderança de produções do cinema cearense? Com metodologia da encruzilhada de Leda Maria Martins (2003) e do encontro de Ariella Azoulay (2024) este trabalho pretende contribuir com os arranjos de produções cinematográficas realizadas no Ceará e pensar a memória a partir do cinema de mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: memória; cinema; mulheres negras; mulheres indígenas; encruzilhada.

1- INTRODUÇÃO

Primeiramente gostaria de me situar neste trabalho, uma vez que este carrega o peso da primeira pessoa enquanto escolha acadêmica e política, mas também metodológica, sendo assim: sou uma mulher negra, nordestina, neta de lavadeira, filha de uma mulher que ainda carrega o título de “semi analfabeta” na sociedade da qual vivemos. Este trabalho não se trata de uma pesquisa *stud up*,⁵ mas inevitavelmente minhas experiências estarão implicadas.

Dando início aos giros escriturados, a fotografia é a primeira articulação a implicar a minha experiência enquanto fotógrafa e mulher negra no território cearense. Vivo a dupla potência da desterritorialização neste campo enquanto nordestina e profissional de uma área ainda usada categoricamente no masculino: fotógrafo. A não pertença me levou a lidar com parâmetros e

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Fortaleza - UFC, email: helosaaraujo@alu.ufc.br

³ Disponível em < <https://festivaltaguatinga.com.br/festivalTagua/16/assista/curta/filme/3673> > último acesso em 28/02/2025 23h59

⁴ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=k-pEs6yDRkk> > último acesso em 28/02/2025 23h57

⁵ *Study Up* “são pesquisas onde pesquisadoras/es investigam membros de seu próprio grupo social” (kilomba, 2020)

ausências de uma forma questionadora. Dentro das tecnologias do racismo, em suas sutilezas, os meus questionamentos também foram e ainda são questionados. Debates e vivências como essas influenciaram minha dissertação⁶ apresentada em Fevereiro de 2023.

Não cheguei até aqui ilesa e o atravessador são as memórias. Memórias apagadas, ou mesmo ausentes e irrecuperáveis, memórias silenciadas, ou mesmo recuperadas, mas memórias indomesticáveis. Este, portanto, é o fio condutor que utilizo junto a metodologia da encruzilhada proposto pela autora Leda Maria Martins (2003), num conjunto de arranjos que promovem sentido diante das sujeitas desta pesquisa de maneira que estejam ao centro e utilizando seu conceito de *performance* para agregar nessa grande teia. Junto a ela, aproximo Ariela Azoulay (2023) para pensar nos encontros dos quais as fotografias e o cinema promovem, entendendo que a autoria também está nessas pessoas que ali aparecem e que, saindo de um lugar de espectadores/as apáticos/as, é possível promover uma observação ativa. Um movimento que caminha de encontro ao *olhar opositor* do qual bell hooks (2019) se refere.

Dessa forma, escolhi duas obras realizadas por mulheres cearenses, ambas do ano de 2022. Uma delas, *Mulheres Árvore* da diretora e roteirista Wara⁷. Outra, *O primeiro movimento é explosão*, da diretora e roteirista Grenda Costa⁸. De um lado, uma mulher indígena graduada em cinema pela Universidade Federal do Ceará (UFC) com especialização em direção ficcional pela escola internacional de Cuba, do outro, uma mulher negra periférica nascida no interior do Quixadá graduada pela mesma universidade (UFC) que já acumula alguns títulos e prêmios cinematográficos.

Diante das tais ausências que citei acima, quais seriam os impactos causados pela presença de mulheres negras e indígenas no lugar de liderança de produções do cinema cearense? Que resultados esperamos de obras filmicas com diretoras e fotógrafas mulheres cearenses atuando na produção? Qual a importância da ocupação desse lugar de liderança na cena cinematográfica do Ceará?

2- Memória e ficção: o lugar de mulheres na direção fílmica do cinema cearense

A escolha das duas Obras *Mulheres Árvore* (2022) e *O primeiro movimento é explosão* (2022) para compor em análise neste trabalho, primeiramente, se deu por se tratarem de duas ficções. No campo das produções, muito falamos sobre as demandas de produtoras negras ou indígenas carregarem o peso de ainda precisarem denunciar as ocorrências violentas com seus ancestrais, parentes ou tomadas de suas terras. A ficção ativa o elemento da performance em um outro nível, no nível da imaginação. A possibilidade de criar algo que ainda não aconteceu ou que já aconteceu gera

⁶ Disponível em <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/75327>> último acesso 01/03/2025 às 15h56

⁷ Disponível em <<https://encurtador.com.br/qxP7k>> último acesso dia 01/03/2023 às 18h10.

⁸ Disponível em <<https://encurtador.com.br/Da433>> último acesso dia 01/03/2025 às 18h20.



questionamentos, afinal, podemos? Foi dado às mulheres negras e indígenas o direito de imaginar, sonhar e criar realidades outras?

No entanto, ambas as obras, apesar de ficcionais, apresentam elementos dos quais podemos encontrar em cada grupo da qual as diretoras pertencem. É aqui que a bibliografia escolhida entra: como busca por uma construção de uma análise capaz de observar aspectos em culturas e/ou grupos comumente lidos ou analisados enquanto objetos. Podemos esperar muita coisa acontecer quando o núcleo criativo teve a liberdade para criar. Uma das primeiras cenas que, enquanto espectadoras/es, recebemos do curta *Mulheres Árvore* (2022) é uma mata aberta onde mulheres saem de uma mata fechada, em um tempo estendido e vagaroso. Andam em fila e logo aparecem em uma outra cena, dessa vez, uma casa, semelhante à uma casa do interior, sem muito luxo. O ambiente pode ser o elemento de conexão com aquelas ou aqueles que o olham. Poderia ser uma cena de um cotidiano gravada, portanto, um documentário. Uma memória.

De acordo com Bezerra & Nunes (2021) a sociedade tudo fez para que o embranquecimento acontecesse, e dessa forma, pessoas racializadas tiveram que lutar contra a extinção do povo negro. Entendo todo o contexto desde as invasões coloniais e seus marcos temporais, é inclusive, possível observar as suas marcas e a importância do Movimento Negro, onde se faz necessário fazer um apanhado histórico. “Portanto, toda e qualquer cultura não europeia foi considerada menos evoluída” (p.54).

Podemos aqui incluir o conceito de performance do qual Leda Martins (2003) propõe. De acordo com a autora, assim como outras manifestações artísticas, o cinema não é apenas “um meio de expressão simbólico” (p.65), mas carrega em si aquilo que constitui a performance em si. Para entender esse conceito, a autora em seus escritos, nos apresenta as possibilidades não hierarquizadas das quais o termo performance possibilita, detendo uma grande magnitude, encarar não apenas o que se é processado enquanto dinâmica, mas as relações em si. Junto dessas relações habitam seus gestos e suas repetições, que não são apenas gestos, mas performativos.

Ao recriar um gesto, um ato, recria-se também, uma memória, a partir de uma repetição, “não uma memória tal qual, mas a sua performance” (p.69), o que, através de reconhecimento em tela, na relação com espectadoras e espectadores, ela continua o ato da repetição. Portanto, mesmo que ordinária, a cena recriada instaura possibilidades de memórias a partir de seu encontro com seus e suas espectadores/as. Os tantos objetos que ali, mesmo que parados, refazem a imagética de gestos, a partir da mesa ali deixada, um tronco de um coqueiro que em breve cairá, ou a própria mata para capinar.

Imaginar mundos possíveis também é um desejo indígena. Tanto Sonia Guajajara (2020) quanto Ailton Krenak (2020) em escritas realizadas por ambos em plena pandemia do coronavírus,



um momento em que muitos viveram no mais explícito medo da extinção que se anunciava desde as invasões. Enquanto Guajajara (2020) sonha com o retorno à terra mãe demarcada, Krenak (2020) se impõe na luta pela liberdade em sonhar, ocupando o escopo social com a mesma permissão dada aos brancos, uma vez que “pensar o mundo pela lógica das disputas virou a razão da humanidade, como se essa ideia tivesse uma natureza própria” (Krenak, 2020, p. 21).

Na cena inicial do *O primeiro movimento é explosão* (2022), um rosto, parece uma pessoa aflita, pensativa, uma pessoa de rosto jovem, provavelmente um/a estudante, fazendo necessidades básicas em local público. Nesse caso, seu rosto entrega o seu próprio território, sua própria morada, que ainda como a imagem anterior citada do filme de Wara, ordinária, rotineira e empurrada à margem fora dos padrões estéticos da branquitude. Acompanhada por mais duas pessoas jovens cuidando para que ninguém veja a situação, após a finalização de uma ação tão comum, as três pessoas seguem em caminhadas por vias escuras, em zonas periféricas, com passos apressados e intrigantes junto ao som de fundo que orna com tambores alimentando uma cena de tensão e, ao mesmo tempo, de um lugar cultural, para a próxima cena: volta para casa, um portão.

Aqui também se configura um espaço para recriar gestos que, por ora, muitos, para além de buscar repetir, buscam também apagar, e dessa forma também abre espaço para pensar sobre o lugar da ficção: criar aquilo que não se quer repetir, ao repetir. Para a leitura da cena “voltar para casa”, para que eu seja digna com a metodologia escolhida (das encruzilhadas de Leda Maria Martins (2003)), fui buscar no histórico da luta pelas cotas raciais, uma vez que, estamos diante de corpos dissidentes que até algumas décadas não eram permitidos adentrar os portões das escolas na educação básica do Brasil.

Mesmo que com os devidos cuidados, entendendo que ainda é preciso lutar pelo cumprimento destas leis para que não sejam enviesadas e que sejam entendidas pela sua importância, já é possível ver a estética do ambiente universitário semeado por corpos frutos de políticas públicas. Arilson Gomes (2024) apresenta os dados detalhados pelos quais passaram esses corpos. Percebo como esquecemos de que essas leis estão falando dos lugares pelos quais os corpos estão autorizados a estar, se assim quiserem. De maneira filosófica, é assim que leio as leis de cotas: portas que se abrem em 20% (por cento) de espaço para que corpos negros, indígenas ou quilombolas (os que quiserem) possam entrar em salas de aulas universitárias. Com isso, a cena “volta para casa” ganha este elemento, que embora cotidiano, também é de luta.

Já em *Mulheres Árvore* (2022) a temporalidade é uma questão, hora não passa, hora *espiralar*. Em uma das cenas, uma senhora, talvez a personagem com mais idade desta possível família, vai até o seu guarda-roupa e pega um algo que aparenta ser um jornal, ou uma revista antiga que carrega em si as marcas do tempo. Nesta possível revista, vários retratos aparecem. Nos retratos, rostos. De diversas



aparências, gêneros e idades, junto a elas, legendas que nem sempre estão de acordo com a situação. E as fotografias, lembram os retratos de desaparecidos que antigamente eram publicados em jornais. Após a senhora observar muito aqueles retratos todos, demonstrando, mais uma vez a presença do elemento da memória como ponto central da ficção, a câmera volta a mostrar o seu rosto, dessa vez, ela já não tinha tanta idade, ao contrário, era uma jovem recém adulta. Há quanto tempo ela está à espera ou luta por aquelas pessoas?

Se observados longe desse instrumento de consciência, ou pelo grupo dominante, podem, facilmente, ser interpretados distantes de seus contextos e correndo o grande risco de serem colocados no lugar da banalização. O silêncio das *Mulheres Árvore* (2022) e as tensões no olhar de *O primeiro movimento é explosão* (2022) podem acabar sendo lidos sem importância, banais. E se não fossem as autoras mulheres negras e indígenas ocupando seus lugares no cinema?

CONSIDERAÇÕES

As escolhas para que este trabalho acontecesse foram pensadas, entendendo que aqui também é um espaço de denúncias e de exaltações dos pactos que queremos seguir, com as devidas profundidades e responsabilidades. Dessa forma, encaro que ainda se faz preciso buscar aprofundamento em campos e autoras para uma escrita em comunicação na linha fotografia e audiovisual que seja capaz de apresentar em uma pesquisa participativa o olhar e a representação das mulheres negras e indígenas no cinema realizado no, para, sobre o território Cearense.

Atribuo às metodologias escolhidas, tanto das encruzilhadas (Martins, 2003) a possibilidade de movimentar dá margem ao centro, me inserindo, inclusive, numa escrita em primeira pessoas que, em possibilidades de olhar para estas mulheres diretoras e regentes das obras aqui analisadas enquanto autoras que carregam suas próprias histórias e, também, escolhas. E a metodologia dos encontros (Azoulay, 2024) que chega para adicionar elementos mais direcionados à análises fílmicas, entendendo que a história de toda e qualquer imagem está atrelada às invasões e colonização, portanto, descolada das possibilidades de análise apresentadas pelo modelo eurocentrado.

Aqui se faz a importância de uma epistemologia capaz de dar conta de uma análise fílmica de obras racializadas que buscam recompor, recontar ou apagar memórias de violência. Dessa forma, “Quantas vezes desviamos o olhar, justificamos ou permanecemos indiferentes ao sofrimento que a violência gera?” (Collins, 2021.p.10).



REFERÊNCIAS

AZOULAY, Ariella Aisha. História potencial: desaprender o imperialismo. Ubu Editora, 2024.

BEZERRA, Maria Raiane Felix; NUNES, Cicera. Movimentos Negros no Ceará:: um olhar sobre o Movimento de Mulheres Negras do Cariri. O Público e o Privado, v. 19, n. 40 set/dez, 2021.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.

CARNEIRO, Sueli. Lélia González: um retrato. Editora Schwarcz. Rio de Janeiro, Zahar, 2024.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. Boitempo Editorial, 2021.

FRANCO, Marielle. A emergência da vida para superar o anestesiamiento social frente à retirada de direitos: o momento pós-golpe pelo olhar de uma feminista, negra e favelada. Tem saída, p. 89-95, 2017.

GOMES, Arilson dos Santos. Uma análise histórica da afirmação da identidade negra e das cotas raciais no Ceará (1955-2021). Revista Transversos, v.30, 2024.

hooks, bell. Olhares negros: raça e representação. Editora Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Editora Cobogó, 2020.

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. Letras, n. 26, p. 63-81, 2003.

SOUSA, Adriana Tolentino; SILVA, Uvanderson; JARDIM, Fabiana. Feminismo negro: pedagogias, epistemologias, ético-políticas e métodos. Entrevista com Christen A. Smith. Educação e Pesquisa, v. 48, p. e201948002002, 2022.

TURNER, Victor Witter; SCHECHNER, Richard. The anthropology of performance. New York: PAJ publications, 1988.

XUKURU-KARIRI, Rafael. Cartas para o bem viver. Boto-cor-de-rosa livros e café. Salvador, 2020.